

Museus virtuais e educação museal: como o antirracismo é tratado no acervo virtual do Museu de Imigração de São Paulo

Museos virtuales y educación museal: cómo se aborda el antirracismo en el acervo virtual del Museo de la Inmigración de São Paulo

Jayne Maria WITCHEMICHEN¹

Lucas ANTOSZCZYSZYN²

Poliana Fabiula CARDOZO³

Resumo

Esse artigo explorou o conteúdo estrutural de exposições virtuais do Museu da Imigração de São Paulo, com foco em evidenciar o exercício de antirracismo na concepção desse conteúdo. Como categorias de análise resultantes da museologia contemporânea e suas implicações antirracistas e com ênfase em diversidades (Melo, Rosa, Possamai, 2024; Cury, 2013; Chaves, 2024), adotou-se a análise da tipificação dos fluxos migratórios, da representação étnica e racial e do potencial educativo e crítico em contexto de cibermuseologia. Como principais resultados, demonstra-se um desvio de olhar para questões antirracistas nas exposições virtuais, por outro lado, em se tratando do acervo técnico disponibilizado virtualmente, percebe-se a abundância material para tratar desses temas e o seu potencial educativo.

Palavras-chave: Educação Museal. Educação Antirracista. Museus Virtuais.

Abstract

Este artículo exploró el contenido estructural de las exposiciones virtuales del Museo de la Inmigración de São Paulo, centrándose en resaltar el ejercicio del antirracismo en la concepción de dicho contenido. Utilizando categorías de análisis derivadas de la museología contemporánea y sus implicaciones antirracistas, con énfasis en la diversidad (Melo, Rosa, Possamai, 2024; Cury, 2013; Chaves, 2024), el análisis adoptó la tipificación de los flujos migratorios, la representación étnica y racial, y el potencial educativo y crítico en el contexto de la cibermuseología. Los principales resultados demuestran un cambio de enfoque respecto a las cuestiones antirracistas en las exposiciones virtuales; por otro lado, en cuanto a la colección técnica disponible virtualmente, existe una gran cantidad de material para abordar estos temas y su potencial educativo.

Keywords: Educación museística. Educación antirracista. Museos virtuales.

¹ Doutoranda em Educação pela UNICENTRO. Bolsista CAPES. E-mail: jayne_wt@yahoo.com.br

² Doutorando em Educação pela UNICENTRO. Bolsista CAPES. Professor do DETUR/UNICENTRO. E-mail: antoszczyszyn98@outlook.com

³ Doutora em Geografia pela UFPR. Professora do Curso de Música da UNESPAR. E-mail: polianacardozo@yahoo.com.br

Introdução

O papel educativo do museu não se limita somente ao contato com o local. É possível hoje, visualizar os conteúdos encontrados nos museus antecipadamente, por meio da disponibilização dos acervos nos sites institucionais. Esse estudo tem como lócus o Museu da Imigração (MI) localizado em São Paulo, vinculado à Secretaria de Cultura da cidade, instalado no edifício histórico que abrigou a Hospedaria do Brás entre os anos de 1887 e 1978. O museu se dedica a atividades de preservação e comunicação de memórias relacionadas aos processos migratórios no Brasil desde 1993. Entre exposições físicas e virtuais, o Museu da Imigração aborda diferentes perspectivas em relação à cultura, trabalho, identidade e pertencimento.

O foco deste estudo é a análise das exposições virtuais disponíveis no site institucional do museu. Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, com caráter interpretativo, baseado na análise documental dessas exposições virtuais, que resultam em um material com reflexões e fotografias que permitem pensar acerca do processo migratório no Brasil. Essa análise é amparada e construída a partir dos conceitos de educação museal antirracista e decolonial, buscando compreender de que maneira as exposições tratam os diferentes fluxos migratórios, em relação a etnias vindas de outros países, principalmente as diferenças de abordagem de imigrações forçadas.

Além dessa introdução, o artigo está organizado em quatro seções. Na primeira, discute-se a metodologia. A segunda seção, contempla o referencial teórico que sustenta as discussões da educação museal, antirracismo e decolonialidade, assim como considerações sobre a cibermuseologia. Na terceira, são apresentadas as análises das exposições virtuais, com foco na abordagem antirracista. E por fim, as considerações finais retomam os principais achados do estudo, apontando as contribuições para o campo da educação museal.

Metodologia

Com base nas bibliografias consultadas sobre a museologia contemporânea e suas implicações antirracistas e com ênfase em diversidades (Melo, Rosa, Possamai, 2024; Cury, 2013; Chaves, 2024), a metodologia dessa pesquisa é centrada na abordagem qualitativa, com caráter interpretativo, pautado na análise estrutural dessas exposições

virtuais, que resultam em um material com reflexões e fotografias que permitem pensar acerca do processo migratório no Brasil.

A coleta de dados concentrou-se nas nove exposições virtuais hospedadas na plataforma Google Arts & Culture. O levantamento e a análise dos materiais foram realizados entre janeiro e dezembro de 2025. O recorte da coleta priorizou as exposições desenvolvidas especificamente para o ambiente digital, em detrimento de cópias de exposições físicas.

A análise incidiu sobre diferentes suportes midiáticos que compõem o acervo digital: os textos curatoriais, que contempla legendas, textos explicativos e narrativas que contextualizam os materiais; e cultura iconográfica, que contempla a observação de fotografias de objetos do acervo, registros, mapas e demais fontes primárias apresentadas nas exposições.

As categorias de análise foram construídas a partir dos conceitos de educação museal antirracista e decolonial, buscando compreender de que maneira as exposições tratam os diferentes fluxos migratórios, em relação a etnias vindas de outros países, principalmente as diferenças de abordagem de imigrações forçadas. Para tanto, nos apraz acolher três pontuais questões:

1. Tipificação dos Fluxos Migratórios: Há diferenciação entre imigrações voluntárias/livres e imigrações forçadas ou clandestinas?
2. Representação Étnica e Racial: Há análise da presença (ou silenciamento) da experiência negra e de etnias específicas dentro de temas transversais?
3. Potencial Educativo e Crítico em contexto de cibermuseologia: Há capacidade das exposições em despertar sentidos críticos, promover a reparação histórica e interrogar a identidade nacional homogênea pelas mediações virtuais?

Essas questões estão categoricamente relacionadas, em nível teórico e metodológico, tanto com as discussões sobre antirracismo supracitadas, quanto com o campo de análise da cibermuseologia, que discute a influência das inovações digitais dentro do campo dos museus. Afinal, “A cibercultura amplia o conceito de patrimônio plural, tornando-se importante na revalorização de aspectos mais subjetivos como memórias, sentimentos e práticas intangíveis” (Chaves, 2024, p.1) e foi especialmente influenciado pela pandemia do Covid-19, como aponta Chaves (2024, p.2) quando diz que “a pandemia representou um marco crucial na história dos museus ao impulsionar a

utilização do ciberespaço como um novo local para as atividades museais, transferindo sua existência material para o ambiente virtual”.

Entretanto, a cibermuseologia não deve ser encarada como uma limitação imposta pela pandemia, mas como um campo de reconfigurou as formas de mediação cultural e educativa. Ao ampliar o acesso do acervo para o mundo digital, os museus passam a experimentar e a proporcionar diferentes narrativas e experiências, o que resulta em novas perspectivas sobre o patrimônio e a maneira que a sociedade trata o objeto.

No caso de exposições específicas para o meio digital, como as que foram delimitadas para esse trabalho, podem potencializar a dimensão educativa, justamente por se tornarem acessíveis a outros públicos, democratizando o conhecimento.

Epistemologia da educação museal antirracista

A Educação Museal é um campo científico em construção que objetiva extrair o potencial educativo dos museus, no que diz respeito à produção de conhecimento específico a partir dos conteúdos expostos, ações desenvolvidas e reflexões dirigidas. O Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), define

A educação museal diz respeito aos diversos processos (de ordem teórica, prática e de planejamento) que contribuem para que o museu assuma plenamente sua tarefa de mediador e referencial para a sociedade. O escopo da Educação Museal é formado pelo conjunto das abordagens, das metodologias e das ferramentas próprias ao desenvolvimento das ações educativas realizadas em museus.

Os museus históricos possuem um compromisso que transpassa a noção de uma vitrine de objetos. Além disso, o museu é um meio de comunicação; e vai além, é uma forma de educar-se. O museu, portanto, possui as ferramentas necessárias para despertar a consciência, estimular questionamentos e pensamentos críticos, pois são espaços de produção de sentidos sobre o passado e o presente. É nesse sentido que Marília Xavier Cury (2013) compreende a educação museal como um processo revestido de criticidade, no qual o contato com os objetos deve estimular questionamentos e a construção de consciências críticas. Para a autora, a centralidade da cultura material reside em seu potencial interpretativo, e não em seu uso como mera ilustração de discursos previamente estabelecidos ou na supervalorização patrimonial de determinados objetos, desvinculada de seus contextos históricos e sociais (Cury, 2013).

Essas reflexões fazem parte do educar-se, pois, o objetivo do museu histórico é justamente provocar questionamentos sobre o papel do ser humano no percurso da história, refletindo assim, em nossa própria história, e em nossa ideia de formação de sociedade.

Rememorar e tomar conhecimento da História também fazem parte do educar-se. É essa reflexão que nos permite ter discernimento para compreender uma atrocidade e não repeti-la. O estudo do passado nos prepara para lidar com o presente, não cometendo os mesmos erros que ecoam ainda hoje, prejudicando grande parte da população com atos de violência encorajados pelo racismo.

Por essa perspectiva, entendemos que há assuntos emergentes para serem discutidos, como a dominação simbólica por meio do racismo, construída historicamente. Outros, como o mito da democracia racial, mesmo sendo pauta refutada por estudiosos já há algum tempo, ainda são marcas que custam ser eliminadas da nossa sociedade. Bárbara Carine Pinheiro, escritora negra e ativista, corrobora essa assertiva por meio do mito da racialidade

(...) a partir do processo de criação do mito da racialidade, ou seja, da construção da categoria de raça como um marcador social de diferenciação, hierarquização e dominação de pessoas, surge o racismo como um sistema social e estrutural de opressões pautado no dispositivo da raça. Com o racismo, pessoas negras são rebaixadas do ponto de vista humano e, portanto, desumanizadas. Neste processo, a escravidão, um modo de produção social que já havia sido superado no papel, retorna e ganha dimensões ontológicas de desumanização do povo negro. (Pinheiro, 2023, p.33)

Essa abordagem permite que possamos refletir que a existência de múltiplas culturas decorre das diferentes formas pelas quais os grupos sociais produzem sentidos, valores e modos de vida, e não de hierarquias naturais entre sujeitos. Deste modo, ao discutir sobre a cultura em relação ao racismo, Nilma Lino Gomes (2003) aponta:

Parto da concordância de que negros e brancos são iguais do ponto de vista genético, porém discuto que, ao longo da experiência histórica, social e cultural, a diferença entre ambos foi construída, pela cultura, como uma forma de classificação do ser humano. (GOMES, 2003, p.76)

A autora também aponta que o posicionamento e a criticidade são caminhos para romper com as ideias de cunho racista. Face a esse fenômeno, voltamos à discussão da importância da abordagem antirracista em museus. É nessa perspectiva que Marília Xavier Cury (2013) coloca o museu como um espaço privilegiado para esse debate,

justamente por seu potencial de evidenciar os processos que estruturam a memória, a identidade e a territorialidade, configurando-se como um lugar estratégico para o tratamento crítico dessas questões pela educação.

A decolonialidade refletida por meio dos museus nos possibilita enxergar esse espaço com uma perspectiva crítica, pois, na Educação Museal, um dos objetivos é justamente tornar o museu um espaço democrático, representativo e multicultural. A ideia dos museus tradicionais e elitizados tem sido repensada, pois, não cabe aos movimentos e percursos que competem à história contemporânea.

A decolonização dos museus tornou-se um imperativo para as sociedades contemporâneas, principalmente para aquelas afligidas por episódios de racismo e violência que tentam garantir direitos aos povos originários, aos afrodescendentes, às mulheres e aos grupos LGBTQIAP+. Enquanto a vida ferve lá fora, não é mais possível aceitar que as instituições museais sigam incólumes e alheias a sua própria configuração como dispositivos colonizadores e racistas, visíveis e materializados nas suas coleções, nas suas exposições, e nas suas narrativas. (Melo, Rosa, Possamai, 2024, p.346)

Tal perspectiva das autoras nos chama atenção para uma possível reavaliação crítica do papel do museu na sociedade. Justamente, o que se propõe é que a decolonização de museus, mais do que necessária, é indispensável. O museu não é e não deve ser uma instituição neutra. A neutralidade, aqui, se refere a apatia frente a questões sociais que possam ser discutidas por diferentes vieses. Em outras palavras, a neutralidade de uma instituição pode significar indiferença em relação a temas difíceis, não assumindo a criticidade para não tomar um lado na história. Nesse sentido, nossa crítica parte da ideia de que a instituição museal deve evidenciar as nuances da realidade, agindo como um espelho da sociedade contemporânea, provocando, criticando, questionando. Em suma, ou os museus se reinventam como um espaço de problematização dessas injustiças e age no sentido de uma reparação histórica, ou continuarão sendo parte do problema.

Análise do museu e discussão

Este tópico contempla a descrição e análise das exposições virtuais do site Museu da Imigração, buscando perceber como, a partir do conceito de Educação Museal e Antirracismo, podemos perspectivar essas exposições para a educação antirracista.

a) Observações gerais e contextualização:

O Museu da Imigração (MI) é uma instituição vinculada ao Estado de São Paulo, onde teve sua fundação em 1993. O espaço onde o museu está em funcionamento, operou entre 1887 e 1978 como a Hospedaria do Brás, que foi criada a partir da necessidade de trabalhadores no Estado. Sendo assim, a hospedaria

(....) recebeu, abrigou, ofereceu assistência médica e alimentação, expediu documentos e encaminhou para o trabalho as cerca de 3,5 milhões de pessoas de 75 países diferentes – incluindo pelo menos 1,6 milhão de nordestinos – que, estima-se, passaram por suas instalações. (Lauro, Menezes, 2021, p.3)

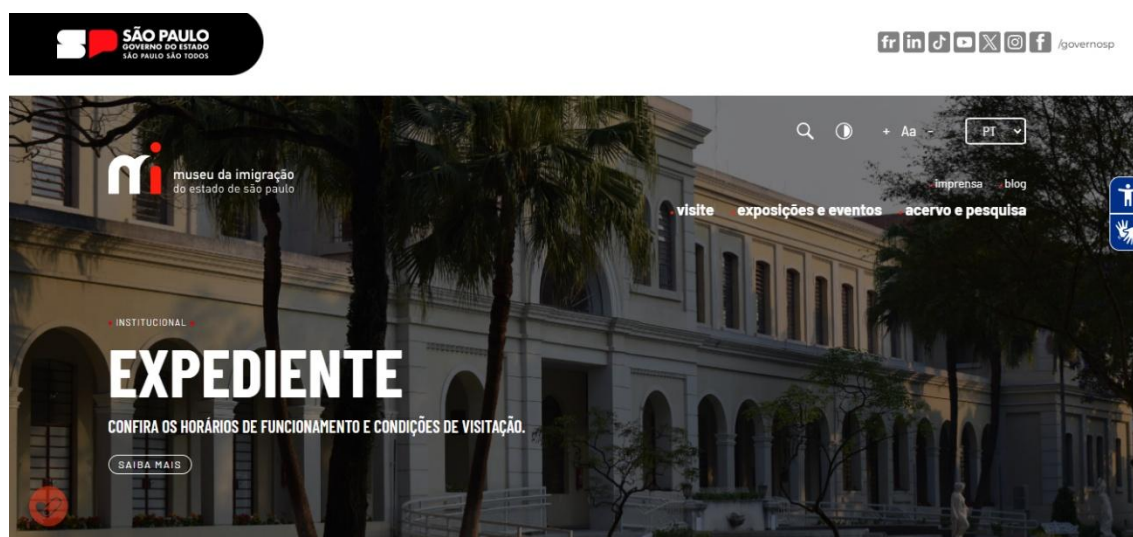
Funcionando há mais de 30 anos, o MI conta com exposições fixas e temporárias, assim como as virtuais, objeto de estudo deste artigo. O conteúdo exposto transita entre diversos fluxos históricos até a contemporaneidade. Trata de imigrações de diversos países do mundo e de movimentos migratórios internos

O MI possui tours virtuais específicos para os sites, além de disponibilizar fotos do acervo exposto no espaço físico do museu. Percebeu-se que há uma contextualização e reflexão desses materiais.

Ao contrário da figuração ou transporte de exposições físicas, as exposições virtuais do MI são desenvolvidas especialmente para o site, e não como uma cópia da exposição física no museu, o que demonstra inovação e afínco no campo da produção de conhecimento museológico, pois amplia de forma democrática o público que tem acesso ao conteúdo.

Aqui, o objetivo é analisar o que está disponível virtualmente. O foco dessa análise é perceber se o museu desenvolve práticas online que engajem o visitante virtual a conhecer o acervo e de que forma elas são apresentadas aos espectadores.

Figura 1 - Página inicial do MI (2025)

Fonte: MI⁴

O MI se destaca pela organização do site. Como a Figura 1 evidencia, no canto superior direito existem duas abas, na quais podemos acessar essas memórias do passado, a depender dos objetivos da visita. Para fins de fruição, educação cultural e até mesmo didaticidade, a aba “exposições e eventos” é bastante útil. Para fins de operação técnico-científica, como pesquisas (acadêmicas ou não), preparação de trabalhos educativos, informações diretamente relacionadas ao acervo, a aba “acervo e pesquisa” parece ser mais adequada. Como o museu pretende atingir essas diferentes alçadas, convém analisá-las separadamente, nos tópicos seguintes.

b) Exposições e Eventos

Na aba “exposições e eventos”, apresenta-se detalhadamente as exposições temporárias, itinerantes (essas duas presenciais) e, finalmente, as virtuais. Para essas exposições, o museu utiliza a ferramenta Google Arts & Culture para acessar os textos e imagens. Há nove exposições virtuais disponibilizadas:

I - Travessias Globais, que convida o público a refletir sobre o direito de migrar, promovendo respeito aos direitos humanos. O objetivo da exposição é explorar a cidadania global. Nessa exposição, há reflexões sobre as migrações e a dificuldade desses deslocamentos, especialmente na adaptação em um novo local. As fotos utilizadas são materiais que pertencem à instituição, logo que o Museu da Imigração localiza-se no prédio da antiga hospedaria de imigrantes de São Paulo. Compõe ainda essa exposição

⁴ Disponível em <https://museudaimigracao.org.br/>, acesso em 04/2026.

virtual, vídeos de imigrantes e refugiados, que falam sobre as principais dificuldades de deslocar-se para outro país. Inclusive, nos textos que explicam que ainda há o fator da migração voluntária e a migração forçada como categoria de análise.

II - O Refúgio no Acervo do Museu da Imigração, trata de documentos de deslocamentos que aconteceram durante o período da Segunda Guerra Mundial. Muitos desses documentos, novamente, são registros da hospedaria que funcionava no prédio do museu. Ao final da exposição, há uma foto de um item do acervo do museu que diz respeito ao período mencionado.

III - Bilhetes de viagem, exposição que trata de alguns documentos de migrações, especialmente bilhetes de viagens de deslocamentos do século XIX e XX. A exposição chama atenção para o caráter simbólico do bilhete de viagem, como aquele que materializa a transformação da pessoa em migrante. Nesse material disponibilizado, percebeu-se que, embora as pessoas migrem por motivos diversos, essa exposição tratou de migrantes que vieram de forma voluntária/livre ao Brasil, mencionando migrantes europeus.

IV - Brasileiros na Hospedaria, exposição que busca retratar que, além das pessoas que chegavam de outros países, havia muitas pessoas de outros estados do Brasil registrando-se na Hospedaria do Brás. Nela, não só migrantes, mas muitas outras classes eram acolhidas: enfermos, desalojados, presos políticos. Inclusive, durante o período de funcionamento, do século XIX até a década de 1970, a hospedaria registrou que a maior parte das pessoas registradas haviam nascido já em território brasileiro. A exposição trata de registros de pessoas que chegavam em São Paulo advindos de outros estados brasileiros, enxergando a cidade como uma potência econômica, em busca de emprego e melhores condições de vida. Compõe o material fotos de pessoas, fotos de registros e outros documentos oriundos da migração e mapas de regiões onde as pessoas eram destinadas.

V - Os registros do migrar, também trata de documentos do período em que o espaço do Museu da Imigração funcionava como hospedaria. Foram 91 anos de funcionamento da Hospedaria do Brás, portanto, muitos registros físicos se acumularam e felizmente foram preservados. No Acervo Digital do Museu da Imigração, muitos dos documentos de registros ao longo desses anos foram disponibilizados. A acessibilidade a essas informações permite que pessoas busquem registros de seus familiares, prestando

então, um serviço à comunidade externa, como outras ações que o museu desempenha com esse intuito.

VI - Festa do Imigrante, que se refere ao evento realizado pelo Museu da Imigração, que busca reunir migrantes de mais de 80 comunidades de descendentes. No material, além de fotos e vídeos, é explicada as motivações para essa comemoração, que acontece há mais de 25 anos.

VII - Migrações a Mesa, exposição que busca destacar um dos elementos que são primordiais, e sempre singulares em qualquer cultura: a culinária, pois, ela também é migrante. Essa exposição esteve em forma física no museu em 2016, e contou com a contribuição de 10 famílias que rememoram esse aspecto cultural. O acervo conta com fotos, tanto de famílias à mesa, quanto pessoas se alimentando em situações comuns do dia a dia, como o trabalho. Há também trechos de entrevistas de migrantes falando sobre a adaptação com novos ingredientes e de que maneira buscaram preservar elementos culturais culinários. Os objetos também possuem destaque na exposição, pois muitos migrantes traziam seus utensílios de cozinha na bagagem.

VIII - O Caminho das coisas, é uma exposição com foco em refletir como os objetos chegaram até o museu. Ela surge de um projeto chamado “Encontros com o acervo”, promovidos pelo Museu da Imigração, o qual reunia os doadores dos objetos expostos e representantes de comunidades para discussões sobre o caminho desses objetos até ali. É um compilado de fotos desse encontro e fotos de peças do acervo detalhadas e explicadas pelas respectivas comunidades.

IX - Viagem, sonho e destino, última exposição virtual do MI, traz histórias de imigrantes que contribuíram para a formação de São Paulo. Nessa exposição, utilizou-se o recurso da história oral para que o visitante virtual consiga compreender as dimensões dessas viagens. Portanto, há depoimentos gravados em vídeo, assim como fotos que ilustram o caminho percorrido. Há fotografias dos portos em que atracavam os navios, dos trens de passageiros, fotos internas e externas da Hospedaria do Brás em funcionamento, entre outras imagens e relatos em vídeo.

Em relação às categorias de análise 1 (Tipificação dos Fluxos Migratórios) e 2 (Representação Étnica e Racial), em todos os tours virtuais disponibilizados, não há segregação por etnia. Todos eles tratam de temáticas que são comuns a todos os deslocamentos, sejam eles voluntários, forçados, seja de europeus, asiáticos ou africanos.

Esse é um indicador analítico por si só, pois nos coloca a refletir que independente da cultura, há muitas aproximações e semelhanças.

Por certo, não é ignorado o fato das diferenças e especificidades que cada etnia enfrenta quando migra, e esse não é um ponto discutido nessas exposições. Por exemplo, como é a integração na sociedade para um imigrante europeu e um imigrante africano? As possibilidades e oportunidades são iguais? E, ainda, as possibilidades e oportunidades são as mesmas quando o imigrante adentra voluntariamente o país, em relação a aquele que chegou no país forçado, ou clandestinamente? São reflexões que podemos acrescentar quando nos referimos aos deslocamentos humanos.

Outro ponto que comumente aparece nas exposições, diz respeito às reflexões afetivas sobre o ato de migrar, sempre buscando despertar no leitor a sensação de saudades, aflição e dificuldade para adaptar sua cultura a um novo lugar, mas também buscando reforçar a esperança no que lhes era apresentado como novo. Mas essas reflexões não se intensificam ao pensarmos nas imigrações forçadas, que se estenderam até o século XIX.

Embora os conteúdos e fontes expostas sejam abrangentes, no que diz respeito a educação antirracista, não há significativas contribuições nos tours virtuais. Essa é uma crítica apontada dentro do estudos da museologia vinculada ao antirracismo, pois, como aponta Melo, Rosa e Possamai (2024, p.358), “conectar a teoria decolonial e a luta antirracista com a prática é um desafio constante, e exige um grande esforço por parte das instituições museais, comunidade acadêmica e dos grupos étnicos”. É interessante como o museu trata por temas relacionado todas as etnias, porém, não há um foco para as imigrações africanas e a dificuldade acentuada de um imigrante negro em um novo país.

Em relação à questão 3, mencionando o potencial educativo e crítico para o antirracismo nesse contexto de cibermuseologia, percebe-se o desvio de olhar direto para essas questões. Embora evidencie em alguma medida os contextos imigratórios, as diversidades e as desigualdades, distanciando-se de uniformidades e generalizações, não há compromisso efetivo em torná-las mais aparentes em vias de promover a reparação histórica e interrogar a identidade nacional homogênea pelas mediações virtuais.

c) Acervo e Pesquisa

No campo “Acervo e Pesquisa”, há várias postagens aprofundando-se em objetos e documentos. As postagens são regulares e diversas. Em muitas, o tema das migrações africanas é discutido, especialmente aspectos culturais que integram nossa sociedade. Não

iremos nos prender nos conteúdos dessas postagens, mas neles, as reflexões em relação a educação antirracista aparecem de forma significativa em meio as temáticas discutidas.

Dentro dessa mesma aba no site institucional, há um campo de “Publicações educativas”, relacionando o conteúdo do museu com a comunidade externa: grupos de descendentes de migrantes, escolas, pesquisadores. As ações desenvolvidas pelo Museu da Imigração estão relacionadas aos conceitos que constituem a Educação Museal. De acordo com Jezulino Mendes Braga, (2017, p.55)

Ao assumir seu papel educativo, os museus marcam sua especificidade e ampliam ações que fortalecem o uso educativo de suas exposições; propõe relações com a comunidade e com as escolas, dinamizando e publicizando suas exposições; e rompem com a visão de uma caixa monumento que encapsula a memória em objetos e legendas, sem se preocupar com as inquietações próprias do social vivido.

Entendemos que, o uso dos objetos para explicar realidades vividas no curso da história, só serve para algo se é refletida, contextualizada. De nada vale o objeto imutável, sem uma perspectiva crítica. Nesse sentido, toda regulamentação que veio com o conceito da Educação Museal e a criação de instituições que se preocupem com isso são válidas para categorizar o museu como um espaço ativo de educação. O Estatuto dos Museus, art. 29, regulamenta que “os museus deverão promover ações educativas, fundamentadas no respeito à diversidade cultural e na participação comunitária, contribuindo para ampliar o acesso da sociedade às manifestações culturais e ao patrimônio material e imaterial da Nação.” (Brasil, 2009, p.5). Nesse sentido, o site do MI demonstra várias atividades que estão ligadas a comunidade externa do museu, aproximando outros públicos para o espaço institucional, como a Festa do Migrante, por exemplo.

Desta maneira, a instituição museu deixa de ser algo ligado às elites e a história tradicional, e passa a representar as diferentes formas de manifestação cultural nacionais, afinal, “o museu é o único lugar onde a cultura material é elaborada, exposta, comunicada e interpretada.” (Brefe, 1998, p.285). Assim, democraticamente sua potência educativa é propagada, e outros grupos são representados nesses espaços. Portanto, a responsabilidade cultural e social do museu é vista na prática e contempla de alguma forma as questões 1, 2 e 3, não se limitando à preservação de acervos, mas implica um compromisso ético e político com a problematização das memórias, a valorização da diversidade e a construção de leituras críticas sobre o mundo.

Considerações finais

A perspectiva de educação museal antirracista nos provoca interpretar museus para além do exercício expositivo de objetos. Exige uma reflexão sobre às ausências, às narrativas silenciadas e às estruturas simbólicas que continuam, infelizmente, a operar em instituições culturais. Justamente esse é o foco da Educação Museal: disseminar essa produção de uma história única, tradicional, elitizada.

O Museu da Imigração, com sua ampla gama de exposições virtuais, oferece um terreno fértil para evidenciar o deslocamento humano em suas múltiplas formas, cultura e etnias. Na aba especificamente destinada às exposições, há um desvio de olhar para questões antirracistas, por outro lado, na aba do acervo técnico, percebe-se a abundância material para tratar desses temas.

Em relação à aba de exposições, ao não expor as diferentes experiências de imigração de maneira interseccional, especialmente no que se refere às migrações forçadas e à presença negra, o museu corre o risco de reproduzir uma ideia homogênea de identidade nacional, apagando as desigualdades históricas e culturais que marcaram a formação da sociedade brasileira.

Ao fim e ao cabo, a perspectiva da educação museal crítica, como aponta Cury (2013), demanda um posicionamento. Não basta expor, é preciso interrogar. A educação antirracista nos museus não se limita a exposições temáticas sobre o racismo; ela perpassa a curadoria, a mediação, a linguagem, os públicos priorizados e, sobretudo, a forma como o passado é narrado. Se o museu é um espaço de memória, ele também é um campo de disputa simbólica, e nesse sentido, tem o dever de promover o reconhecimento e a valorização das diferentes culturas, histórias e identidades que compõem a sociedade e a cultura brasileira.

Quando Aníbal Quijano (2005) discorre sobre a colonialidade do poder, nos ajuda a compreender essa dimensão simbólica. Para ele, esse termo faz alusão a ocidentalização, que podemos também entender como eurocentrismo, e a forma que os colonizadores influenciaram e forçaram o colonizado a adquirir seus hábitos culturais. Quijano aponta que a colonialidade de poder é uma forma de repressão da produção do conhecimento, dos saberes e do mundo simbólico, onde se anula as referências do colonizado, impondo novas. Por isso, se faz necessário que as instituições museais sejam agentes reparadoras dessa história única perpetuada por tanto tempo.

É nesse sentido que a educação museal encontra sua potência transformadora. É responsabilidade das instituições museais, especialmente aqueles voltados à história e à imigração, assumir o compromisso de problematizar as heranças coloniais e contribuir ativamente para a construção de uma sociedade mais justa, plural e antirracista. Afinal, educar-se no museu é também reaprender a ver o mundo com olhos mais críticos e atentos às vozes que historicamente foram silenciadas.

Como limitações encontradas neste escrito, destacamos o caráter mutável do referencial, por se tratar particularmente de uma tipologia constantemente atualizada, além disso, a análise interpretativa do conteúdo oferecido pelo museu à luz da bibliografia também não permite mensurar o impacto real dessas exposições no público ou se elas efetivamente despertam o sentido crítico nos visitantes virtuais, o que certamente contribuiria para o futuro aprofundamento das discussões.

Essas limitações nos apontam para o caráter seminal das discussões aqui apresentadas e para possibilidades em termos de continuidade, ou seja, converter o foco em relação às percepções dos visitantes virtuais deste museu, ou ainda, comparar as abordagens dessas exposições com museus de mesmo teor no Brasil e internacionalmente.

Referências

BRAGA, Jezulino L. Mendes. Desafios e perspectivas para Educação Museal. In: **Revista Museologia & Interdisciplinaridade**, Vol. 6, nº12, Jul./ Dez. de 2017.

BRASIL. Lei nº 11.904 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Brasília, DF, 14 jan. 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm. Acesso em: 18 mai. 2025.

BREFE, Ana Cláudia Fonseca. Os primórdios do museu: da elaboração conceitual à instituição pública. **Projeto História**, 1998.

CURY, Marília Xavier. Educação em museus: panorama, dilemas e algumas ponderações. **MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia**, v. 1, n. 1, p. 87-106, 2012.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, nº 23, Maio/Jun/Jul/Ago 2003.

KRUPCZAK, Carla. AIRES, Joanez. SILVEIRA, Camila. As definições de museu e a relação com a educação Museal em dissertações e teses brasileiras. **Revista Exitus**, Santarém/PA, Vol. 11, p. 01 - 23, 2021.

MELO, Roberta M; ROSA, Elza V; POSSAMAI, Zita R. Para decolonizar os museus: desafios e possibilidades. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.16, n.31, Jul/Dez 2024.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. CANDAU, Vera M. F. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em revista**, Belo Horizonte, v. 26, 2010.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.